

A ANGÚSTIA É O MELHOR REMÉDIO

Sergio Luiz Alves da Rocha

Como professor da rede pública estadual tenho me sentido cada vez mais dividido em minha prática cotidiana. Este desconforto que tenho sentido se deve, em parte, ao fato de eu perceber de maneira cada vez mais clara que a escola e a minha prática não estão em consonância com o mundo em que vivemos.

Não utilizo a expressão “**em que vivemos**” de forma acidental.

Frequentemente nos referimos ao descompasso entre o universo do aluno e universo dos professores. É claro que há especificidades entre eles. Entretanto, penso que muitas vezes tal posicionamento estabelece uma dicotomia muito rígida entre as gerações, nos colocando em mundos totalmente diferentes e sem possibilidade de contato. Acredito que nem toda dificuldade se origina desta suposta diferença.

É curioso ouvir o discurso de muitos de meus colegas e o meu próprio, enumerando as dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem. A culpa é muitas vezes atribuída aos programas de baixa qualidade exibidos pela televisão e, mais recentemente, ao computador, aos produtos culturais a ele relacionados (a *internet* e os programas de relacionamento, principalmente *Orkut* e *MSN*), ao uso do celular e dos tocadores portáteis de música (denominados de *MP3 players*). São estes produtos e práticas que impedem que nossos alunos desenvolvam o raciocínio, o hábito da leitura e uma forma de escrita que siga os padrões da norma culta da língua.

A curiosidade e o espanto advêm do fato de que são muito comuns em nossas conversas as referências aos programas televisivos. Observo também que uma quantidade cada vez maior de colegas possui perfil no

Orkut e utiliza o *MSN*. Não é pouco comum, nos lugares em que trabalho, observar professores agindo como adolescentes trocando vídeos, piadas e toques pelo sistema *bluetooth* (sistema que conecta os celulares sem necessidade de fazer uma ligação, não havendo custos).

Assim, no interior da escola se produz algo muito estranho. Quando nós professores avaliamos as causas de mau desempenho de nossos alunos, enumeramos como vilões todas estas mídias já citadas fazendo de conta que elas não fazem parte de nossas vidas.

No próprio cotidiano da escola na qual trabalho, observo que o espaço físico de certa forma explicita a separação entre os dois mundos. Assim, no espaço da sala dos professores, onde a presença do aluno é proibida, nos sentimos à vontade para comentar programas televisivos, nossa relação com os artefatos relacionados ao computador, mostrar as fotos de nossos filhos em nosso celular e nele trocar arquivos. Mas ao cruzar a porta que dá acesso às salas, nossa relação com este mundo desaparece. Neste outro espaço somos representantes de uma visão de escola e de prática profissional, calcadas em uma determinada concepção de leitura e de escrita que exclui uma infinidade de outras práticas de leitura e escrita das quais também participamos. Cotidiano e saber são aspectos separados de nossa existência.

Não pretendo propor soluções. Eu mesmo me encontro perdido. Também não pretendo afirmar que todos os problemas relacionados ao processo educativo podem ser resumidos a esta questão. Acredito apenas que como educadores temos de fazer um esforço cotidiano para refletir sobre nossa prática nesses novos tempos. Não devemos nos contentar com respostas simples. Não devemos naturalizar nossa prática. A angústia e o desconforto ainda me parecem mais desejáveis do que a posição cômoda de encontrar fáceis culpados.

sobre o(a) autor(a):

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ;
integrante do Grupo de Pesquisa "Infância, juventude e indústria cultural";
professor do CIEP 165 Brigadeiro Sérgio Carvalho – SEE-RJ.

